



QUANDO NOS EMPURRAM

José e Lídia estão a brincar aos piratas no parque infantil. Quando Lídia vai a subir para a vigia, Carolina sobe também. Lídia vai de encontro a Carolina, que cai no chão, quase em cima dos pés de José. José assusta-se mas Carolina fica furiosa com os dois piratas e começa imediatamente a bater-lhes.

— Pára — diz a Professora Marina. — Porque é que estás a bater, Carolina?

— Aqueles palermas empurraram-me!

Então a Professora Marina diz-lhe:

— Primeiro, acalma-te, Carolina. Acho que tudo não passou de um grande susto.

— Não, não!! Aqueles palermas empurraram-me!

Carolina está fora de si. Começa a berrar e quer atirar-se para o chão. A Professora Marina leva-a então para o lado. Ao fim de algum tempo, Carolina acaba por acalmar-se.

A Professora Marina toca o tambor para reunir todas as crianças. Lídia e José são os primeiros a sentar-se na roda. Depois do que se passou, perderam a vontade de brincar aos piratas.

— Como é que vocês se sentem quando são empurrados? — pergunta a Professora Marina.

— Zangado! Magoado! Triste! Furiosa! — gritam as crianças.

— Sim, compreendo. Às vezes é mesmo uma maldade sermos empurrados — diz. — Mas a Lídia fez de propósito? Empurrou a Carolina de propósito?

— Talvez, mas, pensando bem, não! — diz António, que viu o que aconteceu.

— Isto muda a vossa maneira de ver?

— Assim já não é tão mau — diz Ana.

— Pode acontecer a qualquer um, não? — diz Rafael.

— Exatamente — diz a Professora Marina. — Muitas vezes, é bom pensar como é que aconteceu ao certo a situação que nos deixou tão furiosos. Por vezes, temos de pensar em conjunto para a compreender.

E a Professora Marina continua:

— Então, porque é que não é bom que a Carolina se enfureça e comece logo a bater?

— Ah, porque depois há uma briga. O outro defende-se e responde da mesma maneira — diz Emílio, que se levanta e dá uns socos no ar.

— Mas nem era preciso — diz Ana — porque o empurrão foi sem querer.

— Precisamente por isso — continua a Professora Marina — é que temos primeiro de nos acalmar e não começar logo a bater nos outros. Inspirar, expirar, contar até três. Pausa.

A Professora Marina olha em redor.

— Raciocinando: o empurrão foi sem querer? Então, podemos dizer: olha, não gosto que me empurrem!

— Desculpa — murmura Lídia, olhando para Carolina.

— Exatamente! — exclama a Professora Marina. — Então, quem empurrou sem querer pode pedir desculpa! E o outro, o que faz?

— Pode estender-lhe a mão — sugere Emílio.

— Ou pode olhar — diz Rafael.

— Ou pode dizer "Tudo bem, não faz mal" — diz Emílio.

Carolina, Lídia e José olham uns para os outros. Agora riem os três e acenam com a cabeça, porque compreenderam!

Elisabeth Zöller; Brigitte Kolloch
Ich Bin ganz schön wütend!
Hamburg, Verlag Heinrich Ellermann, 2006
(Tradução e adaptação)